

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
LETRAS – LICENCIATURA EM LINGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE
LINGUA PORTUGUESA**

Melissa Silva Timotio

**Mulheres em Narrativa: Um Olhar Sobre as Personagens Femininas de A
Viúvina de José de Alencar e Dom Casmurro de Machado de Assis**

COLINAS – MA

2025

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
LETRAS – LICENCIATURA EM LINGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE
LINGUA PORTUGUESA

Melissa Silva Timotio

Mulheres em Narrativa: Um Olhar Sobre as Personagens Femininas de A
Viúvina de José de Alencar e Dom Casmurro de Machado de Assis

Trabalho apresentado como requisito para obtenção de nota e título no curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.

Orientador: Prof. Dr. Abílio Neiva Monteiro

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
LETRAS – LICENCIATURA EM LINGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE
LINGUA PORTUGUESA

Timotio, Melissa Silva.

Mulheres em narrativa: um olhar sobre as personagens femininas de A Viuvinha de José de Alencar e Dom Casmurro de Machado de Assis / Melissa Silva Timotio. - Colinas - MA, 2025.
40 f.

Monografia (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Colinas, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Abílio Neiva Monteiro.

1. Machado de Assis. 2. Jose de Alencar. 3. Personagens femininas. 4. Gênero. I. Título.


CDU: 821.134.3(81)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
LETRAS – LICENCIATURA EM LINGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE
LINGUA PORTUGUESA


Melissa Silva Timotio

MULHERES EM NARRATIVA: UM OLHAR SOBRE AS PERSONAGENS
FEMININAS DE A VIUVINHA DE JOSÉ DE ALENCAR E DOM CASMURRO DE
MACHADO DE ASSIS


Data da Aprovação: 11 / 12 / 2025

Documento assinado digitalmente
 **ABILIO NEIVA MONTEIRO**
Data: 06/02/2026 17:21:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Abílio Neiva Monteiro
Orientador

Documento assinado digitalmente
 **LAIZE OLIVEIRA SILVA**
Data: 09/02/2026 18:57:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Esp. Laize Oliveira Silva
1º Examinador

Documento assinado digitalmente
 **MARCIA DO SOCORRO DA SILVA PINHEIRO**
Data: 07/02/2026 11:29:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Márcia do Socorro da Silva Pinheiro
2º Examinador

COLINAS – MA
2025

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
LETRAS – LICENCIATURA EM LINGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE
LINGUA PORTUGUESA

Em uma citação atribuída a Lao Tzu, o filósofo chinês, é mencionado que “Ser profundamente amado por alguém lhe dar forças, enquanto amar alguém profundamente lhe dar coragem”. Nesse sentido, dedico este trabalho àqueles que amo incondicionalmente: a minha mãe, minha filha, meu esposo que, de forma abnegada, me proporcionou todo amor necessário para meu desenvolvimento. A vocês, expresso minha mais profunda gratidão. Esta conquista é nossa.

Primeiramente, agradeço a Deus, que é minha luz, minha força e meu guia em todos os momentos desta jornada. Sem Ele, nada disso seria possível. Cada passo, cada conquista e cada aprendizado foram iluminados por Sua graça.

À minha mãe, Claudia, mulher guerreira, batalhadora e meu maior exemplo de amor, coragem e determinação. Mãe, você foi a primeira pessoa a acreditar em mim, mesmo quando eu duvidava das minhas próprias capacidades. Foi você quem segurou minha mão nos momentos de incerteza, quem me levantou nas quedas e me mostrou, com paciência e sabedoria, que a fé e a perseverança sempre nos conduzem à vitória.

Com seu amor incondicional, você me ensinou a nunca desistir, a manter a cabeça erguida diante das dificuldades e a lutar pelos meus sonhos com garra e humildade. Cada palavra sua foi um incentivo, cada gesto de carinho foi um alento, e cada sacrifício seu foi uma lição silenciosa de amor e entrega.

Você abriu caminhos para que eu pudesse trilhar o meu, mesmo quando o seu era cheio de desafios. Tudo o que sou e tudo o que conquistei tem o seu toque, a sua força e o seu exemplo. Nenhuma palavra seria suficiente para expressar o quanto te admiro, te respeito e te amo.

Você é, e sempre será, a base de todas as minhas conquistas, a razão da minha força e o coração de todas as minhas vitórias. Este sonho é nosso, mãe, porque sem você, nada disso seria possível.

À minha filha, Melina Isabella, meu pequeno grande amor, minha inspiração diária e a luz mais doce da minha vida. Mesmo tão pequena, você foi uma das minhas maiores motivações para continuar.

Obrigada por compreender, com a pureza que só uma criança tem, os momentos em que precisei me ausentar para estudar, escrever e concluir este trabalho. Obrigada pela paciência, pelos carinhos inesperados e pelas palavras simples que, para mim, tinham o poder de transformar um dia difícil em esperança.

Ao meu marido, Ricardo, meu companheiro de vida. Obrigada por caminhar ao meu lado em cada etapa desta jornada, oferecendo sempre compreensão, paciência e amor. Nos dias em que o cansaço parecia maior que a vontade, foi a sua presença que me deu forças para continuar.

AGRADECIMENTOS

Obrigada por cada palavra e gesto de cuidado e por todas as vezes em que você acreditou em mim. Seu apoio silencioso, suas conversas cheias de calma e sua preocupação com o meu bem-estar fizeram toda a diferença para que eu chegasse até aqui.

À minha amiga Laisa, minha dupla de faculdade, agradeço pela parceria, pela ajuda de sempre e por tornar essa caminhada mais leve. Obrigada por compartilhar comigo estudos, desafios e risadas ao longo dessa etapa. Estou muito feliz por termos chegado até aqui juntas.

Ao meu orientador Abílio Neiva Monteiro, agradeço a orientação, paciência e disponibilidade ao longo da construção deste trabalho. Suas contribuições, direcionamentos e apoio foram essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa. Muito obrigada por compartilhar conhecimento e dedicar seu tempo para que este estudo fosse possível.

Aos professores, agradeço pelos ensinamentos, dedicação e compromisso com nossa formação. Cada orientação, explicação e incentivo contribuíram significativamente para o meu crescimento acadêmico e pessoal. Sou grata por todo o conhecimento compartilhado ao longo desta trajetória.

Hoje encerro esta etapa com o coração cheio de gratidão. Este trabalho é mais que uma conquista acadêmica: é o reflexo de amor, coragem e perseverança. Cada desafio enfrentado, cada noite dedicada aos estudos e cada pequeno avanço construíram o caminho que me trouxe até aqui. Levo comigo não apenas um diploma, mas a certeza de que sou capaz de ir além. Que esta vitória seja apenas o começo de muitas outras.

“Consagre ao Senhor tudo que você faz, e seus planos serão bem-sucedidos.”

Provérbios 16:3.

As personagens femininas em "A Viúva" (1844), de José de Alencar, e em "Dom Casmurro" (1899), de Machado de Assis, mostram como a representação da mulher na literatura brasileira do século XIX foi mudando ao longo do tempo. No Romantismo, as mulheres eram retratadas de forma idealizada e muitas vezes submissas. Já na fase realista, de Machado de Assis, elas passaram a ter perfis mais complexos e questionadores. O objetivo principal desta pesquisa é analisar como as mulheres são representadas nas obras desses dois autores, e como, ao criar essas personagens, eles também fazem críticas ao papel que a sociedade brasileira reservava às mulheres. A pesquisa foi feita por meio de uma revisão bibliográfica, de abordagem qualitativa, apoiada nos estudos de autores como Louro (2004), Santiago e colegas (2010), Schwarz (2000), Stein (1984) e outros. A partir desse estudo, é possível perceber que as personagens femininas passaram a ter um papel mais destacado nas narrativas desse período, especialmente nas obras de José de Alencar e Machado de Assis. Esses autores criaram figuras femininas marcantes, inseridas em um contexto patriarcal. Resumindo, Carolina representa a mulher idealizada e passiva do Romantismo, cuja virtude é sua principal qualidade. Já Capitu é uma personagem mais complexa do Realismo, cuja inteligência e comportamento desafiam as expectativas sociais e narrativas da época, deixando um legado de questionamentos sobre a condição feminina e o papel do homem na literatura brasileira.

Palavras-chave: Machado de Assis; José de Alencar; personagens femininas; gênero.

RESUMO

The female characters in "A Viúva" by José de Alencar and in "Dom Casmurro" by Machado de Assis show how the representation of women in 19th-century Brazilian literature changed over time. In Romanticism, women were portrayed in an idealized and often submissive way. In the realist phase of Machado de Assis, they began to have more complex and questioning profiles. The main objective of this research is to analyze how women are represented in the works of these two authors, and how, in creating these characters, they also criticize the role that Brazilian society reserved for women. The research was conducted through a bibliographic review, with a qualitative approach, supported by the studies of authors such as Louro (2004), Santiago and colleagues (2010), Schwarz (2000), Stein (1984), and others. From this study, it is possible to perceive that female characters began to have a more prominent role in the narratives of this period, especially in the works of José de Alencar and Machado de Assis. These authors created striking female figures within a patriarchal context. In short, Carolina represents the idealized and passive woman of Romanticism, whose virtue is her main quality. Capitu, on the other hand, is a more complex character of Realism, whose intelligence and behavior challenge the social and narrative expectations of the time, leaving a legacy of questioning the female condition and the role of men in Brazilian literature.

Keywords: Machado de Assis; José de Alencar; Female characters; Gender.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 09 |
| 2. MULHERES EM NARRATIVA..... | 12 |
| 2.1 Conceito de Gênero e Relação da Mulher com a Sociedade..... | 12 |
| 2.2 A Representação da Mulher na Literatura do Século XIX..... | 18 |
| 3. FIGURAS FEMININAS NA LITERATURA ALENCARINA E MACHADINA: IDEALIZAÇÃO E AMBIGUIDADE NAS OBRAS | 24 |
| 4. A CONDIÇÃO FEMININA E A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIAL NAS OBRAS DE ALENCAR E MACHADO..... | 29 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 36 |
| REFERÊNCIAS..... | 39 |

1. INTRODUÇÃO

A mulher ocupou uma posição de inferioridade em relação ao homem por um longo período. Assim, a análise de gênero é relevante para entender os elementos que iniciaram esse fenômeno e que ainda hoje sustentam atitudes misóginas e a desigualdade dos direitos femininos na sociedade. Nesse contexto, a obra literária, como uma forma de arte que reflete a realidade e revela as inconsistências sociais, pode servir como uma ferramenta para abordar as questões de gênero. (Souza, 2019)

O Romantismo surgiu na Europa no século XVIII e, conforme mencionado por Candido (2002), se estendeu até a metade do século XIX, impactando várias formas de arte, incluindo literatura, música, pintura e arquitetura. Esse movimento chegou ao Brasil no final do século XVIII. Eventos cruciais que marcaram o início do Romantismo no Brasil foram a chegada da família real portuguesa ao país em 1808 e a declaração de independência em 1822. Essa migração facilitou a criação da imprensa, que ajudou na divulgação de poetas e prosadores românticos da época, fomentando um sentimento nacionalista e patriótico no Brasil.

Candido (2002) aponta que, durante o Romantismo, a perspectiva de mundo se opunha ao racionalismo característico do Neoclassicismo, que o precedeu. Este movimento literário incluía elementos como o ideal pastoral, harmonia, referências mitológicas, objetividade e elementos pagãos. Além disso, trazia novas ideias, com as obras repletas de aspectos como subjetividade, exagero, sentimentalismo e uma forte dose de nacionalismo. Os escritores dessa época tinham uma ênfase no ser humano, frequentemente escrevendo sobre suas próprias experiências, explorando dramas pessoais, visões utópicas, aspirações de fuga da realidade, tragédias românticas e narrativas sobre amores impossíveis e platônicos.

A obra *A Viúvina* é lançada na fase inicial do Romantismo, onde a satisfação pessoal estava ligada ao encontro do amor. Depois de se casar com Jorge, Carolina se torna viúva. Sem saber que a morte dele foi simulada, ela descobre que ele está recuperando toda a herança que seu pai lhe deixara e que havia dissipado em seus caprichos, a fim de proporcionar a ela uma vida digna e confortável após o casamento (Alencar, 1992).

Alencar apresenta uma mulher que, mesmo após perder seu marido, permanece leal aos votos matrimoniais, acreditando firmemente que ele foi seu único

e verdadeiro amor, desprezando qualquer outra pessoa que tentasse tomar o lugar de seu amado. Essa história transmite uma mensagem de amor eterno e incondicional, além de respeito pelo nome (Vargas, Rosa, 2011).

Na obra *A Viúva*, observamos de forma clara a representação de um casamento idealizado. Apesar da morte de Jorge e dos motivos que o levaram ao suicídio, Carolina continua a nutrir amor por ele, permanecendo fiel à memória do único homem que teve seu coração (Vargas, Rosa, 2011).

Joaquim Maria Machado de Assis é reverenciado como um dos mais proeminentes escritores brasileiros, destacando-se por suas obras que tratam de uma ampla gama de temas e conflitos humanos, sempre imbuídas de uma ironia acentuada que o levou a criticar as incoerências presentes na sociedade de sua época.

O espaço que o autor mencionado dedica às mulheres em suas obras, especialmente nos romances, merece uma leitura mais cuidadosa, pois a forma como ele representa mulheres é importante entender a situação delas na sociedade do século XIX. Essa abordagem ajuda a discutir questões de gênero por meio da literatura. (Vasconcelos, 2005)

Com essa compreensão, é importante esclarecer que nossos desejos de entender a identidade feminina estão ligados à maneira como José de Alencar e Machado de Assis retrataram a sociedade brasileira na época do Romantismo, na segunda metade do século XIX.

Desta forma, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a representação feminina nas obras de Machado de Assis e José de Alencar, verificando assim, como os escritores, ao construírem personagens femininas em suas obras, também viabilizam críticas ao espaço destinado a mulher na sociedade brasileira. Ainda, foram elencados como objetivos específicos: contextualizar o período histórico da produção das obras; discutir sobre o patriarcado e sua influência na subalternidade da mulher e explorar de forma sucinta algumas personagens femininas que se destacam na obra de Machado de Assis e José de Alencar.

A opção por essa temática se fundamenta na compreensão da relevância de abordar gênero e ampliar o diálogo sobre a função da mulher em diversas áreas da sociedade. Portanto, por meio da análise e crítica de textos literários, a partir de obras de autores como Machado de Assis e José de Alencar, é viável criar conversas sobre o papel atribuído às mulheres desde épocas antigas e, além disso, incentivar os

leitores a explorar as raízes históricas e culturais que, mesmo atualmente, mantêm as mulheres em posições subordinadas em relação aos homens.

Diante dessa representação literária no século XIX, questiona-se: de que maneira as personagens femininas de José de Alencar e Machado de Assis, em seus respectivos contextos romântico e realista, reforçam ou subvertem os padrões patriarcais da sociedade brasileira oitocentista? Parte-se da hipótese de que, enquanto Alencar tende a idealizar a figura feminina dentro de arquétipos (a noiva pura, a viúva fiel) que, mesmo centrais, reforçam sua esfera privada, Machado de Assis, através da ironia e da complexidade psicológica, oferece uma crítica mais abrasiva e desmistificadora ao mesmo sistema patriarcal.

A pesquisa realizada é de natureza bibliográfica e baseou-se nos estudos de autores como Louro, Santiago e colaboradores, Schwarz e Stein, entre outros. Desse modo, conforme Gil, essa modalidade de pesquisa é resultado de escolhas específicas inseridas na obra, orientadas por leituras e análises, além da conexão que é criada entre o texto literário e as teorias relacionadas ao tema em questão.

O trabalho é dividido em quatro partes: a primeira parte discorre brevemente sobre os conceitos de gênero e a relação da mulher com a sociedade em geral; a segunda trata da representação da mulher na literatura do século XIX, contextualizando a mulher na literatura romântica e realista brasileira, a terceira parte analisa as figuras femininas na literatura alencarina e machadina, comparando as representações femininas entre os dois autores; por fim, a quarta e última parte retrata a condição feminina e como a mulher foi projetada nas obras de Machado de Assis e José de Alencar.

2. MULHERES EM NARRATIVA

A análise das figuras femininas em "A Viúvina", de José de Alencar, e "Dom Casmurro", de Machado de Assis, expõe a diferença entre o ideal romântico e o realismo psicológico na literatura brasileira do século XIX. Lúcia simboliza a pureza e a submissão que são geralmente idealizadas, em contraposição a Capitu, que se apresenta como uma personagem intrigante e multifacetada, desafiando as normas sociais e narrativas de sua época. (Novais, 2009)

Carolina encarna o arquétipo da mulher romântica: inocente, contida, sofredora e, em essência, submissa ao seu destino e aos planos masculinos. Sua situação como viúva a torna vulnerável, invocando a proteção do herói. Ela reflete o perfil da mulher no Romantismo, cuja principal função na história é ser um objeto de amor e, frequentemente, um símbolo de redenção para o protagonista masculino, dentro de um contexto moral e social patriarcal bem estruturado. (Távora, 2011)

Capitu, por outro lado, é uma figura que se distancia do idealismo. Sua descrição por Bentinho (o narrador-personagem) é ambígua, levantando dúvidas sobre sua lealdade. Seus célebres "olhos de cigana oblíqua e dissimulada" indicam uma profundidade psicológica e uma capacidade de ação que as personagens românticas não possuíam. Ao contrário de Carolina, Capitu é proativa, perspicaz e pragmática, sabendo como manobrar dentro das restrições sociais do século XIX para alcançar seus desejos e lutar por seu lugar. (Novais, 2009)

2.1 CONCEITO DE GÊNERO E RELAÇÃO DA MULHER COM A SOCIEDADE

Os variados sistemas de gênero, tanto masculino quanto feminino, e as maneiras de se comportar nas dinâmicas sociais de poder entre os sexos são resultados da cultura, e não de desigualdades naturais que se manifestam nos corpos de homens e mulheres. Existem muitos exemplos que ilustram que a estrutura de gênero, em diferentes contextos sociais, favorece a masculinidade.

Para as áreas de ciências sociais e humanas, a noção de gênero se refere à maneira pela qual o sexo anatômico é moldado socialmente. Esse conceito foi desenvolvido para diferenciar a parte biológica da parte social, partindo da premissa de que existem machos e fêmeas na humanidade, porém, as identidades de ser homem ou mulher são influenciadas pela cultura.

Deste modo, conforme Louro (2003), o termo gênero refere-se ao fato de que homens e mulheres são influenciados pela realidade social e não são simplesmente resultados da anatomia de seus corpos. Por exemplo, a visão de que as mulheres, devido à reprodução, estão mais conectadas à natureza tem sido utilizada por várias culturas como um sinal de sua fragilidade ou submissão a uma ordem natural, levando-as a serem vistas como destinadas à maternidade.

A princípio, pode parecer que as decisões ou a maneira como se inserem no mercado de trabalho refletem preferências naturais, habilidades inatas e diferentes capacidades e desempenhos entre os sexos. Entretanto, Távora (2011) argumenta que, ao olharmos de forma mais cuidadosa, podemos perceber que a maneira como homens e mulheres estão distribuídos no mercado de trabalho e as desigualdades que surgem podem ser explicadas socialmente e estão ligadas às assimetrias de gênero.

O comportamento de homens e mulheres na sociedade resulta de um profundo aprendizado sociocultural que nos orienta a agir de acordo com as normas estabelecidas para cada gênero. Assim, existem expectativas sociais sobre como os homens e as mulheres devem se mover, falar, sentar, exibir seus corpos, brincar, dançar, namorar, cuidar uns dos outros, amar, entre outros. De acordo com o gênero, também existem formas específicas de trabalhar, liderar pessoas, ensinar, dirigir, gastar dinheiro, consumir bebidas, entre outras atividades.

Gênero é a organização social da diferença sexual. Mas isso não significa que o gênero reflita ou produza diferenças físicas fixas e naturais entre mulheres e homens; mas propriamente, o gênero é o conhecimento que estabelece significados para diferenças corporais. (...) Não podemos ver as diferenças sexuais a não ser como uma função de nosso conhecimento sobre o corpo, e esse conhecimento não é puro, não pode ser isolado de sua implicação num amplo aspecto de contextos discursivos. (Scott, 1988, p. 2)

Em algum momento de nossas vidas, nos preocupamos em entender as razões para as desigualdades que existem entre homens e mulheres, que se manifestam em várias circunstâncias. Muitas vezes, essas desigualdades são atribuídas a atributos físicos ou psicológicos de cada gênero. A busca por explicações biológicas ou mentais para as discrepâncias entre o masculino e o feminino tem sido uma constante nas ciências biológicas.

É comum encontrar em jornais e revistas análises científicas que se baseiam nas funções do cérebro ou nos hormônios, que seriam diferentes para cada um dos

sexos. Essas explicações muitas vezes ocultam o extenso processo de socialização que nos humaniza e o processo de socialização que classifica os indivíduos em gêneros distintos. (Távora, 2011)

No entendimento popular, as discrepâncias de gênero são vistas como algo intrínseco, ligado aos corpos. Por outro lado, as ciências sociais afirmam que tais diferenças são construídas socialmente. Isso implica que não existe uma norma universal para comportamentos relacionados ao sexo ou ao gênero que seja tida como normal, aceitável, superior ou, em princípio, a mais adequada.

Conforme Novais (2009), homens e mulheres, que fazem parte de diferentes sociedades, épocas e contextos culturais, criam maneiras particulares de classificar e interagir socialmente. Dessa forma, a noção de gênero pode nos oferecer uma perspectiva mais aguçada sobre certos processos que reforçam disparidades de valor entre o masculino e o feminino, o que resulta em desigualdades.

Sob um certo aspecto, a teoria feminista (Távora, 2011) afirma que o sexo é distinto do gênero, argumentando que essa questão depende de cada grupo social que molda a identidade do indivíduo. O uso do termo gênero abre espaço para a inclusão de fatores sociais na formação da personalidade, considerando que essa construção de gênero ocorre através das dinâmicas sociais, e não se trata somente de observar os corpos que interagem entre si. É a totalidade que se reúne, combinando corpo, intelecto, emoção e a essência do eu, que interage com o outro.

Todo indivíduo representa a narrativa de suas interações sociais, marcadas por oposições e contradições de gênero, classe e raça/etnia. Isso nos leva a pensar que o fato de uma pessoa vir ao mundo como homem ou mulher não determina sua identidade. Essa identidade é formada pelas relações sociais. Podemos entender as ideias do autor, pois essas interações estão conectadas a um sistema hierárquico que cria relações de poder, nos quais o masculino não é apenas distinto do feminino.

Ou seja, é pressuposta uma identidade que é resposta a cada momento. Uma vez que a identidade pressuposta é reposta, ela é vista como 'dada' e não se 'dando'. É como se uma vez identificado o indivíduo, a produção de sua identidade se esgotasse com o produto. Na linguagem corrente dizemos 'eu sou filho', ninguém diz estou sendo filho (Ciampa, 1990, p. 163).

O conceito de gênero vai além da ideia de que cada palavra ou signo representa seu referente, seja esse referente um objeto, uma coisa ou um ser

animado. Desse modo, “gênero” refere-se à representação de uma relação de pertencimento a uma classe, grupo ou categoria.

Gênero é a representação de uma relação (...) o gênero constrói uma relação entre uma entidade e outras entidades previamente constituídas como uma classe, uma relação de pertencer. (...) Assim, gênero representa não um indivíduo e sim uma relação, uma relação social; em outras palavras, representa um indivíduo por meio de uma classe (Lauretis, 1994, p. 210)

Há uma forte tendência a considerar a identidade sexual como algo inerente, fundamental e compartilhado entre as culturas. Ao considerar a identidade sexual como algo historicamente enraizado e resultado de um sistema de crenças específico das sociedades ocidentais modernas, também podemos reconhecer a ampla diversidade das maneiras pelas quais a distinção entre masculino e feminino pôde e pode ser interpretada.

O patriarcado nos tratou e nos trata como mulheres. Os transexuais não tiveram a mesma história. Nenhum homem pode ter história de ter nascido e se colocado nessa cultura como mulher. Ele pode ter história de ter desejado ser mulher e de ter agido como mulher, mas essa experiência de gênero é própria a um transexual, não a uma mulher. (Del Priore, 2003, p. 114)

Del Priore (2003) considera suas proposições nesse trecho aplicáveis àquelas que vivem em sociedades patriarcais, mas assume uma homogeneidade de reações entre essas sociedades que é suficiente para fazer com que a biologia se torne, em todos os casos dentro de cada uma delas, uma “determinante” de caráter. No entanto, como a biologia tende a gerar reações comuns com efeitos específicos no caráter, ela acaba se tornando, de fato, uma causa do caráter.

É importante ressaltar que a emergência do conceito e sua aplicação estão profundamente enraizadas em uma dimensão política, tanto em relação às suas origens quanto aos seus objetivos. Ele ganha força a partir do movimento feminista, que tem como principais objetivos transformar as relações de poder tanto no público quanto no privado, buscando eliminar todas as formas de dominação e exploração nas relações sociais.

De acordo com Zolin (2019), as questões de gênero refletem a forma como diferentes sociedades, ao longo da história, classificam as atividades laborais nas esferas pública e privada, bem como os atributos pessoais e responsabilidades

atribuídos a homens e mulheres nos campos da religião, política, lazer, educação, cuidados com a saúde, sexualidade etc.

O conceito de gênero, atualmente presente em jornais e textos que orientam políticas públicas, surgiu de um diálogo entre o movimento feminista e suas teóricas, além de pesquisadoras de várias disciplinas, como história, sociologia, antropologia, ciência política, demografia, entre outras.

Conforme Louro (2003), o psiquiatra americano Robert Stoller vem realizando pesquisas sobre masculinidade, feminilidade e identidade de gênero desde 1964, estabelecendo uma base para o estudo mais aprofundado do travestismo. Esse é um dos fenômenos da não-conformidade com a expectativa social de “coerência” entre o sexo anatômico, a vestimenta e o comportamento associado ao sexo oposto. As travestis, indivíduos cuja identidade de gênero e social contrasta com seu sexo biológico e que vivem diariamente de acordo com o gênero de sua escolha, constroem identidades que não devem ser vistas como “cópias de mulheres”, mas como uma expressão alternativa de identidades de gênero.

Segundo Louro (2003), essas categorias de classificação coexistem no mundo social, resultando em alguns cruzamentos recebendo um tratamento mais desigual do que outros. Dessa forma, um homem negro e de classe popular receberá uma avaliação diferente (provavelmente desvantajosa) em comparação com uma mulher branca de classe alta. Este exemplo indica que a aparente "desvantagem" de gênero em uma sociedade machista pode ser compensada pela classificação racial/étnica e/ou pelo pertencimento a uma classe social tida como superior.

Del Priore (2003) afirma que a sexualidade e o gênero são dimensões distintas que compõem a identidade pessoal de cada pessoa. Ambos emergem, são influenciados e se modificam de acordo com os valores sociais predominantes de uma determinada época. São elementos da cultura, formados em um período histórico específico, que contribuem para a organização da vida individual e coletiva das pessoas. Em resumo, é a cultura que forma o gênero, atribuindo símbolos às atividades como sendo masculinas ou femininas.

Nas últimas décadas, o mercado de trabalho era dominado por homens. Até a metade do século XX, as mulheres não viam a carreira profissional ou a participação na vida pública como objetivos principais, o que resultou em sua ausência na população economicamente ativa.

A posição da mulher na sociedade evoluiu de papéis convencionais (dona de casa e mãe) e limitados para uma participação mais ampla e protagonista, apesar de ainda lidar com problemas como diferenças salariais, falta de representação em posições de poder e assédio. A busca por direitos, reconhecimento e autonomia, motivada por movimentos feministas, visa a equidade social, política e econômica, o que contribui para o fortalecimento da sociedade como um todo.

Um exemplo significativo dessa relação de gênero e construção da história das mulheres pode ser observado nas mulheres do Nordeste, que estão ampliando sua presença em atividades econômicas e políticas, além de muitas atuarem como mediadoras em conflitos armados. Como é de conhecimento geral, a sociedade do Nordeste é fundamentada no patriarcalismo, com a presença masculina ainda sendo predominante. Como resultado, a história tem marginalizado a mulher nordestina, apesar de sua participação na sociedade estar aumentando.

De acordo com Lauretis (1994), um dos fatores que contribuem para a baixa participação das mulheres nordestinas está relacionado à sua própria história e à estratificação social durante o processo de colonização, que até influencia a mentalidade dessas mulheres, levando-as a acreditar que seu único papel é ser dona de casa.

Outra mudança significativa nesse sentido foi a concessão do direito de acesso ao título de proprietárias de terra para as mulheres trabalhadoras rurais. Isso ocorreu porque seus companheiros geralmente migravam para grandes centros urbanos em busca de trabalho e não retornavam aos estados de origem, deixando-as sozinhas, responsáveis pelo cultivo da terra e pelo sustento da família. Contudo, de acordo com Vasconcelos (2005), elas não tinham a oportunidade de serem reconhecidas como proprietárias daquela terra, tampouco podiam transferir a posse do imóvel para seus filhos ou filhas.

A entrada de mulheres na escola aumentou consideravelmente, superando atualmente o número de homens. Esse interesse está claramente ligado à sua entrada significativa no mercado de trabalho, bem como às oportunidades de aprimoramento de sua qualificação profissional e aumento dos salários recebidos. Contudo, a igualdade salarial ainda não foi alcançada, apesar dos investimentos feitos pelas mulheres em educação e qualificação profissional.

Em determinados setores, segundo Novais (2009), apenas houve uma redução no nível de desigualdade. Os dados se tornam ainda mais impressionantes

quando analisamos as mulheres negras. A diferença salarial entre mulheres e homens aumenta com o nível de escolaridade, assim como a disparidade entre as próprias mulheres, sendo as mulheres brancas as que têm maior vantagem. Esse caso ilustra como a segregação social mescla aspectos étnico-raciais e de gênero.

Novais (2009) ressalta que, em relação à participação político-social no Brasil, as mulheres só conquistaram o direito ao voto em 1932, graças à incansável militância do movimento sufragista feminino nas primeiras décadas do século XX, liderado pela bióloga paulista Bertha Lutz. Em 1933, as primeiras mulheres foram eleitas para o parlamento. Desde então, a exigência de igualdade de oportunidades sociais para que as mulheres possam participar ativamente da vida pública tornou-se um direito inalienável.

Com todos esses dados, queremos evidenciar o quanto e de que forma uma hierarquia de gênero persistente estrutura as relações sociais no espaço público, atribuindo a cada sexo lugares, postos, posições de prestígio, funções específicas, direitos e deveres em todos os contextos citados, como vida política, acesso à educação e ao mercado de trabalho, além da respectiva permanência nesses espaços, propriedade, chefia civil do lar etc.

Xavier (2018) enfatiza que não se deve assumir de maneira ingênua que a presença de homens e mulheres na vida pública seja casual, resultado de desejos pessoais ou, ainda, de competências ou habilidades inerentes a cada sexo. Somos socialmente condicionados a ter uma preferência maior ou menor por política, economia ou leis, independentemente de sermos homens ou mulheres. O caminho para a cidadania é marcado por lutas e conquistas de natureza normativa e jurídica.

Infelizmente, nem todas as mulheres têm acesso a esses direitos, e muitas delas não conseguem exercê-los. As razões mencionadas podem incluir limitações financeiras, dificuldades de acesso aos serviços de saúde, submissão ao parceiro, seja marido ou namorado, devido à dominação masculina, entre outros fatores. A dominação masculina refere-se ao poder que os homens exercem sobre as mulheres.

2.2 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA DO SÉCULO XIX

Durante muitos anos, as mulheres foram privadas do direito de se expressar, sendo representadas apenas por homens, uma vez que suas opiniões não eram levadas em consideração nem respeitadas. Na atualidade, o discurso feminista ganha

cada vez mais força, propondo uma visão plural sobre a categoria de gênero e rejeitando o binarismo masculino/feminino como única maneira de entender a questão, segundo Bonnici (2017).

De acordo com Xavier (2018), na literatura do século XIX, a representação da mulher oscila entre os papéis convencionais de submissão e domesticidade (o "Culto da Domesticidade") e o surgimento progressivo de personagens que desafiam essas convenções. Isso reflete a discussão em torno da "questão feminina" e dos direitos das mulheres, incluindo o direito à educação e ao trabalho.

O realismo e o naturalismo da segunda metade do século XIX introduziram a complexidade das vivências femininas nas obras literárias, ao passo que escritoras pioneiras como Nísia Floresta iniciaram a desconstrução desses estereótipos, pavimentando o caminho para a emancipação feminina.

No século XIX, a sociedade patriarcal exigia que as mulheres fossem submissas aos homens, dedicando-se ao cuidado do lar e da família. Segundo Xavier (2018), essa perspectiva se reflete no "Culto da Domesticidade", um conceito que vinculava a virtude feminina à piedade, submissão e ao lar. As mulheres eram geralmente apresentadas como seres de moral inferior, e suas vidas eram determinadas pelas regras estritas da família patriarcal. Casos de "histeria" eram ligados a desvios dessa norma, evidenciando a repressão exercida sobre as mulheres.

Bonnici (2017) afirma que o século XIX trouxe mudanças significativas nos âmbitos político, ideológico e artístico na Europa, o que teve um impacto direto nas nações recém-independentes (ou ainda colônias) da América do Sul. Vários eventos históricos, como as campanhas abolicionistas e o processo de libertação de povos colonizados, promoveram avanços significativos e ajudaram as pessoas a expandir suas perspectivas e mudar suas ideias a partir dos sofrimentos e das guerras em busca da liberdade.

O movimento Romântico surge em meio a esses conflitos e como reação à estética clássica, dando destaque aos elementos da cultura nacional, ao amor intensamente exagerado, à natureza e à cor local. Desse modo, Xavier (2018) ressalta que outros autores não conseguiram isso em sua época, nem mesmo puderam publicar, divulgar e reivindicar a autoria de suas obras. Refere-se a mulheres que optaram por expressar suas ideologias e experiências de vida por meio da literatura.

Cada uma, à sua maneira, optou por confrontar a sociedade patriarcal em que vivia e refletir sobre a opressão e o silêncio a que eram submetidas as vozes femininas.

Zolin (2019) destaca que a literatura do período, particularmente a realista e naturalista, tratou da "questão feminina", um tema em destaque que envolvia as demandas por direitos como o voto, o casamento por escolha e o acesso a profissões. A literatura funcionou como um espaço para abordar a realidade e as lutas das mulheres, com escritores e escritoras explorando, ainda que indiretamente, o descontentamento feminino em relação à sociedade.

"A Viúvina" e "Dom Casmurro" ilustram a posição da mulher no século XIX como um espelho da sociedade patriarcal daquele período, em que as mulheres eram destinadas a serem esposas e mães, recebendo uma educação voltada apenas para as tarefas domésticas e sujeitando-se aos homens.

Capitu, a protagonista de "Dom Casmurro", é retratada como uma personagem complexa que escapa do ideal de submissão. No entanto, ela é descrita por um narrador masculino que a conforma aos padrões da época, reforçando a ideia de inferioridade feminina.

As sugestões de uma pedagogia voltada para a mulher, contidas nessas obras, não tinham como objetivo abranger todas as mulheres do século XIX; buscavam formar e retratar um tipo específico de mulher: a burguesa. No entanto, como Zolin (2019) observa, no século XIX, as mulheres oitocentistas, entendidas de forma ampla, estavam sujeitas a um contexto de dominação, que se estendia aos seus gostos, hábitos, costumes etc.

De forma geral, a sociedade brasileira do século XIX estava sob o domínio patriarcal. Apesar das inúmeras conquistas dos movimentos feministas brasileiros, o patriarcado ainda influencia a sociedade brasileira contemporânea.

Com uma série de mudanças políticas, sociais e econômicas, a capital do Império, Rio de Janeiro, tornou-se um dos principais centros urbanos da América do Sul a partir da segunda metade do século XIX. Desse modo, Chartier (2021) ressalta que as mudanças são mais evidentes, ou melhor, consolidadas, na segunda metade do oitocentos, embora comecem a se desenvolver já nas primeiras décadas do século, especialmente com a nova configuração que a cidade do Rio de Janeiro passou a apresentar. Embora o patriarcalismo persista, houve um progresso gradual, embora modesto, na emancipação de certos aspectos da vida das mulheres.

Tedeschi (2018), ao abordar o século XIX, evidencia que

[...] o processo que culminará na emancipação feminina principiou ainda no primeiro reinado, com a instituição das academias e a valorização das letras no Brasil. Os primeiros decênios do século XIX revelam as importantes alterações na estrutura da sociedade. Pouco a pouco, a mulher foi ganhando direitos através da inovação nos costumes e a urbanização da vida brasileira (Tedeschi, 2018, p. 103).

Essas transformações resultariam em diversas mudanças nos contextos sociais das mulheres, especialmente das mulheres burguesas, a partir de novas estruturas sociais e sua transição da casa para a rua, não se limitando apenas à ida da casa para a igreja, como é apresentado pela autora mencionada e por outras autoras.

A autora descreve como surgiu o florescer de uma nova mulher:

O tipo feminino submisso aos moldes patriarcais começava, entretanto, a ser substituído por outro menos servil e mais mundano. Acordar tarde por ter ido ao teatro ou a algum baile, passar mais tempo a se preocupar com seus trajes e suas lições de piano e francês começam a ser práticas comuns entre as mulheres brasileiras. Até mesmo a devoção religiosa é menor do que antes, tomadas que elas se encontram pelas leituras dos romances de amor e de aventuras (Tedeschi, 2018, p. 104).

Nesse sentido, pode-se afirmar que, além da oralidade e da participação do corpo na expressão, a busca por ampliar essa visibilidade e o anseio por se legitimar socialmente são aspectos importantes na representação feminina e sua escrita.

Ainda é evidente a necessidade de ser reconhecida e entendida como um su jeito político que age e pensa de forma independente, sem precisar que sua voz seja expressa pelo "outro". Nesse sentido, Bonnici (2017) afirma que a linguagem do narr ador "tradicional" (tradição da narrativa ocidental masculina) masculino, ao tentar retr atar a mulher, acaba por distorcer sua imagem e ressignificar, a partir de sua perspe ctiva, a categoria das mulheres.

Ao examinarmos os principais elementos da escrita realista, como a linguagem direta, narrativa detalhada e descritiva, contexto social, espaços urbanos, temas cotidianos e análise psicológica dos personagens, entre outros aspectos, é possível identificar características dessa estética na obra Dom Casmurro (1899), de Joaquim Maria Machado de Assis. Essa obra transcende as fronteiras do tempo e espaço, além de permitir uma variedade de interpretações, especialmente no que diz respeito às relações interpessoais e intrapessoais.

É importante notar que, por um longo período, o romance foi interpretado apenas sob uma perspectiva: o adultério. Assim, a possível traição de Capitu foi um tema defendido de maneira difusa. No entanto, considerando que há muitas maneiras de ler e entender, esse desfecho foi questionado e, a partir disso, essa narrativa passou a ter outras perspectivas de análise.

No entanto, podemos dizer que há alguns elementos românticos presentes na obra, como a representação da religiosidade, a descrição idealizada e, às vezes, exagerada da personagem Capitu, além do sentimentalismo que abrange questões subjetivas. Assim, podemos concluir que *Dom Casmurro* (1899) é um romance plural, que abrange tanto questões sociais (realistas) quanto subjetivas (românticas).

Na obra "*A Viúva*", de José de Alencar, a imagem da mulher no século XIX é caracterizada pela condição excepcional de Carolina, que exemplifica a idealização romântica da mulher como virtuosa, leal e com um amor sagrado pela honra. O livro, um romance urbano e da fase inicial de Alencar, aborda a crítica social à burguesia, retratando os papéis que eram esperados para as mulheres naquele período.

Segundo Tedeschi (2018), o século XIX foi marcado pelo aparecimento de personalidades como a escritora e educadora Nísia Floresta, que, por meio de obras como "*Direitos das mulheres e injustiça dos homens*", lutou pelo direito à educação e ao trabalho das mulheres, sendo reconhecida como a primeira publicação feminista do Brasil.

A participação das mulheres na literatura não se restringiu apenas à escrita. Mulheres leitoras exerceram o poder de influenciar o mercado literário por meio da leitura, moldando a produção literária do período. De acordo com Chartier (2021), a emergência de autoras que compartilham suas experiências e pontos de vista pessoais contribuiu para a representatividade feminina na literatura, desafiando estereótipos e criando espaço para novas perspectivas.

Zolin (2019) afirma que o indivíduo que possui o direito ao discurso e é considerado referencial, enquanto o outro permanece silenciado, detém um poder assegurado pelo seu lugar na sociedade, determinado pelo julgamento de sua classe social, etnia e gênero.

Ao aplicar esse raciocínio ao campo literário e considerar a condição do gênero feminino, é importante destacar que, historicamente, antes das primeiras manifestações literárias de autoria feminina, o indivíduo com direito ao discurso e, conseqüentemente, ao poder, era do sexo masculino, branco, de classe média alta.

As representações até então criadas eram exclusivamente dessa perspectiva social, evidenciando o silenciamento e a invisibilidade que o sexo feminino enfrentava.

A crítica literária feminista começa a trabalhar para permitir a representação de perspectivas sociais que o cânone literário masculino não conseguiu evidenciar, revelando a história tradicional e sexista da representação das mulheres na literatura de autoria masculina. Isso possibilita a inclusão de vozes anteriormente marginalizadas, tanto na criação dos textos quanto na representação literária, o que contribui para a inserção e legitimação dessas vozes no campo literário.

Apesar de os primeiros textos escritos por mulheres no Brasil serem cautelosos ao abordar e representar as relações de gênero, reforçando os padrões predominantes, conforme aponta Xavier (2018), com o tempo as produções femininas conquistaram espaço e voz na literatura, promovendo a forma feminina de pertencer a uma categoria de gênero que foi historicamente subjugada e oprimida.

Assim como indicam comportamentos subversivos em relação a esse estado de coisas, as obras de Clarice Lispector atuaram como um divisor de águas na literatura feminina brasileira, distinguindo as práticas literárias caracterizadas pela repetição das ideologias de gênero tradicionais das práticas subversivas e/ou contestatórias.

Nesse contexto, Zolin (2019) afirma que a literatura escrita por mulheres, com suas variadas maneiras de representar a realidade, tem criado formas de mostrar/desvendar a mulher, que por muito tempo foi silenciada tanto na literatura quanto na realidade extraliterária.

Portanto, a partir dessa produção literária, têm sido desenvolvidos novos padrões que visam superar a distinção e separação das categorias binárias de gênero. Além de promoverem debates sobre representação, identidade e diferença, esses novos padrões também ajudam a rejeitar a predominância de uma identidade masculina e legítima.

A crítica literária contemporânea tem se empenhado em mapear o cenário literário brasileiro e, com base em pesquisas realizadas, que serão discutidas no próximo tópico desta dissertação, analisar a frequência com que o negro é retratado na literatura, tanto como criador quanto como personagem; reconhecer o espaço de voz que lhe é concedido; e examinar a forma como sua representação ocorre nas margens do texto literário é nosso objetivo.

3. FIGURAS FEMININAS NA LITERATURA ALENCARINA E MACHADINA: IDEALIZAÇÃO E AMBIGUIDADE NAS OBRAS

Segundo Tedeschi (2018), na obra de Alencar e Machado, as personagens femininas se sobressaem por sua evolução, deixando para trás os arquétipos românticos e submissos e tornando-se figuras complexas e autônomas, que desafiam a sociedade patriarcal do século XIX. Alencar se concentra na idealização e nos conflitos de heroínas românticas como Iracema e Aurélia. Por outro lado, Machado de Assis apresenta personagens mais complexas, ambíguas e rebeldes, como Capitu e Virgília, que desafiam o papel atribuído às mulheres e demonstram independência e astúcia.

José de Alencar é um dos autores brasileiros que abordaram a representação das mulheres em suas obras, ora como "rainha do lar", ora como "prostituta". Nos romances que formam os chamados perfis de mulheres (Lucíola, Diva e Senhora), Alencar analisou elementos da sociedade brasileira entre as décadas de 1850 e 1870, conferindo a essas obras um caráter quase documental, apesar de serem essencialmente ficcionais.

Na literatura de José de Alencar, destacam-se figuras femininas como Iracema, a mulher indígena idealizada em harmonia com a natureza; Lúcia de Lucíola, a cortesã que personifica a dualidade entre o sublime e a realidade social; e Aurélia Camargo de Senhora, a mulher autônoma e resoluta que quebra padrões ao "comprar" seu noivo. Segundo Souza (2019), outras personagens, como Emília em Diva, também ressaltam o perfil da mulher do século XIX, ora como "rainha do lar", ora como forte e resoluta.

José de Alencar, por exemplo, pode ser visto como um dos primeiros romancistas a abordar o tipo social da prostituta na obra *As Asas de Um Anjo* (1858) e posteriormente em *Lucíola* (1862), em que o universo das chamadas cortesãs de luxo é revelado ao leitor.

No século XIX, as mulheres mantinham obediência e respeito ao permanecerem à sombra dos homens, preservando sua feminilidade para evitar qualquer desarmonia no ambiente em que estavam inseridas. De acordo com Stein (1984), a percepção da mulher, combinada com sua completa falta de poder, tanto político quanto econômico, contribuía para que ela desempenhasse um papel conservador na sociedade.

Foi um período em que as mulheres tinham pouca voz, mas já demonstravam força e determinação. Iracema e Aurélia são exemplos de mulheres fortes e resolutas, porém ainda envolvidas no ideal romântico. As obras de José de Alencar retratam a posição da mulher na sociedade de sua época, em que ela era frequentemente vista apenas como esposa, mãe ou objeto de desejo, mas também como alguém capaz de sonhar e renunciar.

José de Alencar enfrentou censura e teve sua obra considerada "imoral" por parte dos órgãos governamentais durante o governo de Pedro II, conforme Lauretis (1994), após a publicação de sua peça *As Asas de Um Anjo* em 1858. Dois anos mais tarde, em "*Lucíola*", o autor insinuou que uma ex-prostituta não teria espaço na família brasileira. Mais tarde, em "*Memórias Póstumas de Brás Cubas*", obra considerada pela crítica especializada como o marco inaugural do realismo no Brasil, Machado de Assis nos apresenta a personagem Marcela, utilizando seu característico humor irônico.

Margareth Rago (2008, p. 22) afirma que "o enquadramento conceitual da mulher enquanto 'rainha do lar' ou 'mulher da vida' foi o caminho que os homens cultos do período encontraram para se referirem à condição feminina". Rago destaca que, em uma época de tanta discriminação, a prostituição se tornou um espaço visível, especialmente com a expansão do mercado capitalista, tornando-se, assim, um foco de interesse para as observações de médicos, higienistas, a polícia e os juristas.

Machado de Assis criou personagens que desestabilizam e subvertem o papel que era esperado das mulheres no século XIX, como Capitu, Virgília, Sofia e Helena. As personagens femininas em suas obras são apresentadas com uma notável complexidade psicológica e inteligência. Muitas delas são exigentes, audaciosas, estratégicas e assumem o controle de maneira discreta, desafiando o silêncio e a submissão que lhes foram impostos.

Desse modo, Souza (2019) indica que a ironia machadiana expõe personagens que, em certos momentos, se encaixam em estereótipos, como Dona Tunicia, enquanto outras, como Sofia, são apresentadas com profundidade e ambiguidade. Personagens como Helena e Capitu ilustram o desenvolvimento da figura feminina na obra de Machado de Assis. Enquanto Helena é retratada como mais tímida, Capitu se destaca como uma mulher sagaz e ousada, simbolizando um avanço rumo à independência e liberdade feminina.

De acordo com Souza (2019), Machado de Assis era um atento observador dos costumes e da condição humana, capaz de direcionar o foco do leitor para a situação da mulher. Segundo Souza (2019), a sociedade patriarcal era majoritariamente machista, e as mulheres eram vistas como objetos, exibindo-se de maneira submissa e sendo consideradas apenas “objetos do lar”.

As obras *Helena* e *Dom Casmurro* retratam a condição da mulher na sociedade do século XIX, evidenciando que as personagens femininas eram submetidas a uma constante subordinação ao homem no matrimônio. Machado de Assis retrata em suas obras a superioridade masculina vista como essencial para um bom casamento, além de ressaltar as qualidades que as mulheres deveriam cultivar para serem consideradas boas esposas em casamentos forçados ou manipulados, geralmente infelizes.

Apesar de a mulher ter seu papel definido como "cuidar da casa e dos filhos" nas relações familiares, nas obras de Machado de Assis é possível observar a quebra do padrão social feminino vigente na época. Machado, em suas obras, concede às mulheres a capacidade de quebrar comportamentos impostos em um contexto em que o domínio era completamente masculino.

Segundo Coimbra (2007), enquanto o homem se ocupava do trabalho e da manutenção da casa, a mulher era responsável pelos afazeres domésticos. Nesse espaço diferenciado entre homem e mulher, a mulher era sempre considerada submissa. “Machado de Assis, em sua produção literária da fase da maturidade, soube, magistralmente, conceber suas personagens femininas singularmente fora dos modelos da sociedade aristocrática do final do século XIX” (Coimbra, p. 10, 2007).

No romance "*Helena*", é evidente a submissão da mulher ao homem, seja pai, irmão ou marido, em função dessa obediência às suas ordens e desejos. Segundo Souza (2019), as origens do patriarcado evidenciam como as mulheres foram marginalizadas na sociedade, reduzindo-as à condição de mulher-objeto. Ele resalta que os valores do século XIX estavam focados na constituição da família. Souza (2019, p. 11) afirma que “por meio da sua escrita o autor mostra e faz denúncia social (em relação a má política) de forma implícita, bem como a domesticação e a dependência feminina (casamentos arranjados, submissão feminina, etc.)”.

É perceptível a presença feminina nas obras de Machado, que, apesar das marcas do século XIX, se destacam diante das circunstâncias que enfrentam. De acordo com Mussulini (2018), a obra literária de Machado de Assis é caracterizada

pela presença constante da mulher, retratada por meio de diversas figuras femininas: mães, viúvas, solteiras, jovens em idade de casar, todas audaciosas, inteligentes e que se rebelavam contra a opressão que enfrentavam.

Apesar da intensa pressão social do século XIX, as personagens femininas da obra de Machadinha demonstram sua força por meio de traços de sua personalidade, deixando marcas significativas por onde passam. Coimbra (2007) afirma que, em uma época em que o homem era o senhor absoluto de suas ações e exercia ordem e poder, Machado de Assis surpreende com suas personagens femininas, desafiando os tabus do período. Essas personagens têm uma personalidade marcante, dominante e de temperamento forte, com um olhar que hipnotiza e cativa. Elas são dotadas de simpatia, beleza, apelo erótico e pura sedução, destacando-se no contexto social da época.

É evidente que as mulheres machadianas conseguem superar todos os obstáculos que lhes são impostos, em um contexto em que a figura masculina detinha poder e controle. Coimbra (2007) afirma que essas mulheres podem escapar do papel que lhes foi atribuído por meio de suas narrativas pessoais, situadas em seu contexto histórico-social. Elas entram de forma imponente no cenário dominado pelo universo masculino, demonstrando-se como portadoras da palavra, capazes de ocupar os espaços reservados ao homem.

Souza (2019) ressalta que, por meio de suas obras, Machado de Assis retrata a perspectiva feminina em relação à realidade social do Rio de Janeiro na metade do século XIX, período em que a família é valorizada e a mulher exerce seu papel apenas no âmbito doméstico, cuidando da casa, do marido e dos filhos. Ele retrata a mulher em seu ambiente doméstico, limitada apenas às atividades diárias em função dos filhos, da casa e do marido. Esse era o papel que as mulheres exerciam na sociedade daquele período.

Helena e Capitu são mulheres de épocas distintas, porém ambas demonstraram força e bravura diante das circunstâncias que enfrentaram. A construção de cada personagem, Helena e Capitu, traz sua contribuição para a sociedade do período. Neste contexto do século XIX, é perceptível que as mulheres nas obras de Machado ganham um poder que as torna únicas e resilientes.

Follador (2009) afirma que a submissão feminina ao masculino é clara desde o período colonial. A mulher sempre foi cobrada a ser dócil e recatada, e seu mundo, na maior parte do tempo, se restringia ao lar, onde cumpria suas obrigações em

submissão ao homem. As mulheres eram responsáveis por atender aos desejos dos homens, sendo esposas, filhas e irmãs exemplares, obedecendo às ordens sem questionar e cuidando do bem-estar da família.

Durante muito tempo, as mulheres foram consideradas secundárias. Sobre a função da mulher nesse período, Vasconcellos (2005, p.02), cita que “[...] reclusas no mundo doméstico, circunscritas ao silêncio do mundo privado, elas não teriam uma história”. A participação em espaços coletivos era restrita apenas aos homens que estavam presentes em diversos eventos nos espaços públicos.

Portanto, a literatura pode fornecer um testemunho significativo para o trabalho em História, desde que seja examinada por meio da representação do mundo que contém em suas páginas. A prostituta e a dona de casa transitam por um campo significativo repleto de transformações, onde convergem diversas questões, como sexualidade, autocuidado, controle do corpo, maternidade, entre outros assuntos que permanecem no centro dos debates sobre a condição feminina atual.

4. A CONDIÇÃO FEMININA E A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIAL NAS OBRAS DE ALENCAR E MACHADO

O Romantismo transformou a maneira como os artistas pensavam e agiam, colocando a imaginação e os sentimentos em primeiro plano, em vez da razão, e proporcionando ao homem o interesse por uma nova forma de entender as coisas e a vida. Tratava-se de uma nova tendência que emergia em contraposição às tendências precedentes.

Segundo Zolin (2019), ao homem cabia a chance de renovar seu espírito artístico, exausto das antigas tradições neoclássicas e do convencionalismo, que até então predominavam na arte de maneira geral. Desse modo, cabia ao artista adotar um novo papel, e o significado da obra de arte adquiria uma nova perspectiva, considerando o novo julgamento evocado pelo Romantismo.

Em outras palavras, não se deve pensar que as antigas tradições arcádicas seriam extintas com o surgimento do Romantismo. Dessa forma, a negação aqui indica o surgimento de uma nova maneira de pensar, um novo julgamento e um novo estado de consciência pleno e confiante em relação às transformações no cenário artístico global. Nesse sentido, Muricy (1988) afirma que essas novas demandas chegaram ao Brasil e se transformaram em um dos movimentos responsáveis pelo surgimento de uma nova literatura, mais brasileira e independente.

Os românticos buscavam, portanto, uma nova concepção do tempo e do espaço em que estavam considerando todas as transformações que ocorriam em todas as esferas da vida humana. Tratava-se de uma nova paisagem em que se formavam as obras escritas durante esse período da nossa literatura e se estabelecia a identidade de uma autêntica literatura nacional.

José de Alencar é amplamente reconhecido como o mais importante escritor da literatura brasileira, segundo a crítica literária. Sua vasta produção inclui uma variedade de romances, desde os indianistas e urbanos até os históricos e regionalistas, todos com grande destaque e repercussão. Nessas histórias de ficção, conforme Muricy (1988), sobressaem-se diversos tipos de personagens, que representam seu período e seu lugar.

A representação da mulher nas obras de José de Alencar (Romantismo) e Machado de Assis (Realismo) evidencia a mudança e a complexidade do imaginário social brasileiro do século XIX. Ao passo que Alencar tende a idealizar a mulher e

limitá-la a papéis sociais predefinidos, Machado desconstrói essa representação, expondo a complexidade, a astúcia e as contradições psicológicas de suas personagens em uma sociedade patriarcal.

Segundo Stein (1984), no Romantismo de José de Alencar, a mulher era geralmente apresentada de maneira idealizada, possuindo características como pureza, inocência e submissão, dentro dos limites do patriarcado. Em suas obras, Alencar retrata o "perfil de mulheres" que se sobressaem pela beleza e delicadeza, porém são inseridas em uma perspectiva tradicional, na qual a identidade feminina só possui valor durante o período de cortejo e casamento.

Viúvinha é um livro publicado durante a primeira fase do Romantismo, período em que a realização pessoal estava ligada à busca pelo amor. Carolina fica viúva depois de se casar com Jorge. Desconhecendo que sua morte fora simulada e que ele estaria recuperando toda a herança deixada por seu pai, a qual ele havia dissipado em seus excessos, para proporcionar a ela uma vida confortável e digna após o matrimônio (Alencar, 1992).

Vargas e Rosa (2011) destacam que Alencar apresenta uma mulher que, mesmo após a morte do marido, permanece fiel aos votos matrimoniais, convencida de que ele foi seu primeiro e único amor. Ela rejeita qualquer outra pessoa que tente ocupar o lugar do seu amado, transmitindo uma mensagem de amor eterno, incondicional e honra pelo nome.

Na obra "Viúvinha", também se nota essa idealização da beleza feminina no momento em que Jorge a vê pela primeira vez:

Nesse momento viu ajoelhada ao pé da grade que separa a capela, uma menina de quinze anos, quando muito: o perfil suave e delicado, os longos cílios que vendavam seus olhos negros e brilhantes, as tranças que realçavam a sua fronte pura, o impressionaram (Alencar, 1992. p. 14)

Vargas e Rosa (2011) afirmam que as personagens criadas por José de Alencar, como Carolina, de A Viúvinha, são definidas por suas características de sentimento absoluto e por um comportamento idealizado, que se manifesta por meio de uma dignidade irrefutável e de uma nobreza de caráter inquestionável. Carolina permaneceu em luto, o que era evidente por meio de suas roupas, conforme o narrador indica:

[...] o vestido preto era o símbolo de uma decepção cruel; era a cinza de seu primeiro amor; era uma relíquia sagrada que respeitaria sempre. Enquanto ele a cobrisse parecia-lhe que nem uma feição penetraria o seu coração e iria profanar o santo culto que votava a imagem de seu marido (Alencar, p.34, 1992).

Aqui se observa a exaltação moral da viúva. Dessa forma, fica evidente como o autor enaltece esse sentimento: um amor puro que abdica de sua própria felicidade para evitar o sofrimento da pessoa amada. Dessa forma, a mulher é elevada à condição de ser divino, possuindo os mais puros sentimentos que fundamentam a essência do amor no Romantismo Brasileiro (Candido, 2002).

A importância de José de Alencar para a literatura brasileira é evidente, uma vez que sua obra contribuiu para a formação da identidade da literatura nacional. Ele caracterizou o Romantismo como um autêntico movimento de renovação, rejeitando valores obsoletos e demonstrando à sociedade a necessidade de se adaptar aos novos formatos artísticos que emergiam no território brasileiro.

José de Alencar era um escritor ciente de suas ações e do propósito de sua obra: criar uma literatura genuinamente nacional, que incorporasse elementos brasileiros e refletisse o país em sua forma e jeito de ser. Também é importante levar em conta que o autor escrevia para uma sociedade em constante transformação, e sua produção literária era voltada para uma sociedade ávida por mudanças e com uma visão de futuro. (Pereira, 1959)

No cenário da arte cultural brasileira, Machado de Assis talvez tenha sido o mais proeminente, dado que sua obra foi objeto de numerosos estudos. Embora tenha alcançado sua maior expressão como contista e romancista, o carioca deixou sua marca de gênio em tudo o que produziu. Em sua extensa obra, segundo Távora (2011), é possível encontrar diversos gêneros com características literárias e uma conexão com as várias correntes literárias ao longo de sua vida, sem se vincular especificamente a nenhuma delas. No entanto, foi no Realismo que atingiu seu auge e se tornou imortal na história da literatura brasileira.

No entanto, Machado de Assis abordou um tipo diferente de Romantismo em suas obras, uma vez que, a partir de 1860, a literatura já passava por um período de transição para o Realismo. Por isso, seus romances, embora considerados românticos e já retratando aspectos da realidade da época, ocultam traços de um crítico social que denuncia as injustiças sociais disfarçadas por um simulacro romântico.

Machado de Assis desafia a idealização romântica ao expor a complexidade psicológica e as contradições das mulheres em uma sociedade patriarcal. Ao contrário das heroínas idealizadas, as personagens femininas machadianas, como Capitu em *Dom Casmurro* (1899), apresentam complexidade, ambiguidade e transgressão, desafiando o papel submisso que lhes era imposto no período.

Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me (Assis. 2004, p. 85)

Mesmo que de maneira sutil, as mulheres nas obras de Machado desafiam o puritanismo e o machismo da sociedade do século XIX. Elas mostram ter pensamentos, pontos de vista e estratégias próprias, desafiam expectativas e expõem a hipocrisia das interações sociais.

Ao longo de sua obra, o autor desenvolve personagens que transitam de figuras mais tímidas para personagens mais audazes e autoconfiantes, como exemplificado pelo contraste entre Helena e Capitu. A perspectiva de Machado busca a verdade oculta sob a superfície, explorando a psicologia de suas personagens femininas e como a sociedade as vê.

Medeiros (2019) aponta que entre essas mulheres que fogem do perfil submisso está Capitu, personagem de *Dom Casmurro*. Este romance destaca o progresso feminino em uma sociedade patriarcal, e é por meio dele que Assis introduz uma mulher de personalidade marcante que não só assume o protagonismo da história, mas também se transforma em uma das personagens mais emblemáticas do realismo.

Capitu, apesar de ser caracterizada pelo discurso de Bento Santiago, narrador-personagem e homem, é apresentada como uma mulher astuta, vivaz e claramente resistente às limitações que lhe são impostas. Apesar de ainda estar em uma posição inferior à do homem, inclusive economicamente, é uma mulher com uma beleza e astúcia singulares, como pode ser observado no excerto a seguir:

Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem. Se ainda não o disse, aí fica. Se disse, fica também. Há conceitos que se devem incutir na alma do leitor, à força de repetição. Era também mais curiosa. As curiosidades de Capitu dão para um capítulo. [...] gostava de saber de tudo (Assis, 1997, p.50).

Nesta perspectiva, Medeiros (2019) declara que, apesar de ser uma menina pobre que vê no casamento uma oportunidade de ascender socialmente, Capitu não se submeterá à sociedade do século XIX. Ela estudou latim, mesmo depois de o padre Cabral recusar-se a ensiná-la apenas por ser mulher. Além disso, aprendeu inglês, gamão, pintura e música, tornando-se uma mulher que refletia sobre o mundo ao seu redor.

Pode-se concluir que o descontentamento de Capitu com o espaço reduzido que lhe era concedido no mundo foi o motivo pelo qual ela enfrentou o patriarcalismo que a rodeava, lutando para se afirmar como indivíduo em uma sociedade que tentava silenciar suas vozes da alma, assim como acontecia com as outras mulheres de sua época.

Ao caracterizar o olhar de Capitu, Bento Santiago traça um perfil feminino que, por um lado, é doce e cativante, repleto de feminilidade, e, por outro, envolve mistério, uma sedução perigosa e irresistível, comparada às ondas tumultuadas do mar em ressaca:


“olhos de cigana oblíqua e dissimulada”. Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira; eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra ideia do meu intento, imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles... (Assis, 1997, p. 53-54).

Capitu é retratada com características femininas e delicadas: olhos verdes, grandes e em formato de amêndoa. Simultaneamente, um olhar de cigana, que evoca o mistério e o encantamento que deixou na alma do narrador apaixonado. Apesar de carregados de mistério, os olhos de Capitu eram doces para Bentinho. Uma mulher que, simultaneamente, carregava a essência feminina e possuía uma presença empoderada, intimidando o homem que a desejava como mulher, mas submissa.

A análise comparativa das obras dos dois autores destaca a transformação do imaginário social e literário brasileiro durante o século XIX.

Segundo Almeida (2007), José de Alencar parecia enxergar a literatura como uma ferramenta social capaz de criar consciência entre as pessoas. Por essa razão, manteve sua determinação em mostrar aos leitores de sua época a nova sociedade que estava se formando no meio do século XIX.

Quadro 1 – Comparação das obras de José de Alencar e Machado de Assis

| Característica  | José de Alencar (Romantismo) | Machado de Assis (Realismo) |
|--|---|---|
| Representação da mulher | Idealizada, pura, frágil e limitada aos papéis de esposa e mãe. | Complexa, ambígua, com desejos e inteligência próprios. Transgressora das convenções sociais. |
| Sociedade | Retratada com uma visão de mundo mais otimista, mesmo diante das adversidades sociais. | Exposta em sua hipocrisia e convenções, com uma visão crítica e questionadora das instituições e da burguesia. |
| Conflito feminino | Ocorre em um contexto de moral e convenção, buscando a dignidade dentro das regras sociais. | É de ordem psicológica e existencial, revelando a profundidade do ser humano e a luta por liberdade dentro das limitações da época. |
| Imaginário social | Predomina a fantasia e a busca pela heroína perfeita. A mulher é um "meteoro" que brilha e desaparece após o casamento. | Baseia-se na observação da realidade e na crítica, desmistificando o ideal romântico e mostrando a mulher como um ser humano multifacetado. |

Fonte: Távora (2011)

No quadro acima, nota-se que Alencar foca na criação de perfis femininos que refletem os ideais e os conflitos de sua época. Ele desenvolve personagens que, mesmo em contextos sociais complicados, preservam uma atitude idealizada, a exemplo da protagonista. Com uma perspectiva mais irônica e crítica da sociedade, Machado de Assis desenvolve personagens femininas que se sobressaem pela profundidade psicológica e pela habilidade de confrontar as normas sociais. (Vasconcelos, 2005)

Nesse sentido, é possível entender a complexidade das obras de Machado, uma vez que o autor não se restringiu à subjetividade, ao individualismo ou ao culto à natureza, elementos distintivos do romantismo, como fizeram alguns de nossos escritores, como José de Alencar.

Machado de Assis foi além do esperado, ultrapassando os limites da subjetividade para retratar o mundo em transformação. Em uma sociedade em constante movimento, nada existia isoladamente. No espaço literário, cabia aos artistas, especialmente aos escritores, representar essa totalidade social no contexto das mudanças que ocorriam. E tudo isso foi viabilizado pela introdução do movimento

conhecido como Romantismo, que teve grande importância para a nossa literatura. (Almeida, 2007)

Capitu, do livro *Dom Casmurro*, é um exemplo de personagem que ultrapassa os papéis estabelecidos pela sociedade, sendo considerada uma das primeiras heroínas femininas por sua audácia e inteligência. Sua personagem feminina, apesar do contexto patriarcal, destaca o papel da mulher que ultrapassa as convenções ao não se submeter ao marido.

Machado de Assis e José de Alencar apresentam mulheres de maneiras diferentes: enquanto Alencar constrói personagens idealizados e complexos, como Carolina em *A Viúva*, Machado de Assis investiga a complexidade psicológica e a subversão de papéis em figuras como Capitu, que desafiam normas sociais com astúcia e autonomia. Ao passo que Alencar geralmente se concentra em arquétipos femininos que já apresentam algum tipo de evolução, Machado de Assis explora a contradição e o mistério das personagens, expondo a complexidade oculta por trás das aparências em uma sociedade patriarcal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi apresentado até agora, é evidente que a imagem feminina tem sido historicamente marcada por um certo grau de inferioridade em relação à sua posição social ao longo de todos os séculos de nossa formação histórica. Essa é uma das razões pelas quais o estudo do feminino na literatura ganhou espaço na academia e na pesquisa científica nas últimas décadas.

José de Alencar e Machado de Assis foram dois importantes autores da literatura brasileira que exploraram o universo da ficção e ofereceram contribuições significativas para a compreensão do papel social da mulher na segunda metade do século XIX. Desse modo, buscaram compreender e visualizar o mundo feminino a partir de sua própria realidade, abstraindo dela os elementos que mais os interessavam e criando personagens fictícios poderosos e dominantes.

Ao final desse debate, ficou evidente que a condição subalterna da mulher está ligada ao patriarcalismo, uma vez que esse sistema social concede plenos poderes ao homem, considerado o provedor do lar, detentor do conhecimento científico e possuidor de oportunidades para participar ativamente de todos os setores da sociedade, incluindo o mercado de trabalho.

Portanto, ficou claro que essa distinção de gênero também impacta o contexto econômico, que forçava as mulheres do século XIX a procurar um casamento com um homem rico desde cedo para garantir sua sobrevivência. Por outro lado, a mulher era submissa ao marido e só podia exercer a maternidade e as responsabilidades domésticas.

Desse modo, consideramos a identidade como uma das várias possibilidades para estudar a literatura, pois o texto literário pode refletir os traços de uma construção identitária e sua conexão com o contexto social em que estamos inseridos.

Em resumo, Alencar utiliza o Romantismo para criar mitos fundadores e construir um imaginário social que visa a formação e a idealização da nação brasileira. Por outro lado, Machado emprega o Realismo para desconstruir e examinar a mesma sociedade, expondo as contradições, mazelas e a complexidade psicológica do indivíduo por trás da aparência civilizada do Império.

É urgente entender o indivíduo como parte de uma situação maior, capaz de refletir sobre as relações que estabelecemos com os outros na sociedade e nosso

papel em um coletivo mais amplo. Isso nos leva a considerar a identidade como algo que está constantemente sendo construída.

Por todas as razões mencionadas acima, a análise comparativa das obras examinadas é essencial para um bom desempenho acadêmico, pois possibilita a identificação dos elementos históricos, sociais e linguísticos que compõem uma obra. O trabalho aqui apresentado explora o perfil das heroínas na literatura brasileira, que refletem características do período literário das obras analisadas por meio de suas ideias e comportamentos.

Portanto, recomenda-se a realização de novas leituras sobre o tema, levando em conta a relevância dessa discussão na sociedade como forma de combater a misoginia, as desigualdades de gênero e, inclusive, para a apreciação do texto literário e suas diversas possibilidades de interpretação desse contexto.

REFERÊNCIAS

- ABDALLA JÚNIOR, B. E CAMPEDELLI, S. Y. **Tempos da Literatura Brasileira**. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.
- ALENCAR, José M. de. **Senhora**. Porto Alegre: L&M Editores, 1997.
- ALENCAR, J. de. **Senhora**. Fortaleza: ABC Editora, 2006.
- ALENCAR JÚNIOR, L. de. **Apresentação de A Escrava Isaura**. __In: GUIMARÃES, B. A Escrava Isaura. Fortaleza: ABC Editora, 2005.
- ALMEIDA, A. R. de. **A representação da mulher em “a Judia Rachel”**: um romance do século XIX. Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações – UNINCOR – MG, Dissertação de Mestrado 2007.
- ALMEIDA, E. R. L. de. **De Lizardi a Machado de Assis**: uma questão de gênero na literatura mexicana e brasileira. __In: Cadernos de Pesquisa do CDHIS – n. 36-37, 2007. pp. 69-74.
- ALENCAR, José de. **Obra completa** 4 vol. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.
- ASSIS, Machado de. **Obra completa** 3 vol. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Via Leitura, 2015.
- BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista**: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2017.
- CHARTIER, Roger. **Defesa e ilustração da noção de representação**. Fronteiras, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2021.
- CIAMPA, A. C. **A Estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- COIMBRA, Adriene Costa de Oliveira. **Essas Mulheres Machadianas**.....2007. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia universidade Católica de Minas Gerais, [s. l.], 2007. P. 111.
- DEL PRIORE, Mary. **Mulheres no Brasil Colonial**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- FOLLADOR, Kellen Jacobsen. **A mulher na visão do patriarcado brasileiro**: uma herança ocidental, [S. l.], p. 1-14, 16 mar. 2009.
- LAURETIS, T. **A tecnologia do gênero**. In: HOLLANDA, B.H. Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LOURO, Guacira Louro. **“Currículo, gênero e sexualidade. O ‘normal’, o ‘diferente’ e o ‘excêntrico’”**. In: LOURO, G. L., NECKEL, J. F. & GOELLNER, S. V. (orgs.). Corpo, gênero e sexualidade. Petrópolis: Vozes, 2003.

MURICY, Katia. **A Razão cética**: Machado de Assis e as questões de seu tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

MUSSULINI, Dayane. **A figura Feminina na Semana Literária de Machado de Assis**, [S. l.], p. 65-76, 12 dez. 2018.

NOVAIS, Suzimar dos Santos. **Mulheres sertanejas**: política, sociedade e economia. Fortaleza: Anpuh, 2009.

PEREIRA, Astrojildo. **Machado de Assis**: ensaios e apontamentos avulsos. Rio de Janeiro: Livr. São José, 1959.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

SCOTT, Joan. **História das mulheres**. In: BURKE, Peter (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

STEIN, Ingrid. **Figuras femininas em Machado de Assis**. [S. l.: s. n.], 1984.

SOUZA, Daniel Bezerra de. **Helena, de Machado de Assis**: Uma leitura feminista e pós colonialista, [S. l.], p. 1-61, 12 dez. 2019.

TÁVORA, Franklin. **Cartas a Cincinato**: estudos críticos por Semprônio. Organizado por Eduardo Vieira Martins. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **História das Mulheres e as Representações do Feminino**. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2018.

VARGAS, Etiene, DA ROSA, Teresinha do Marques Carmo. **Mulheres alencarianas e mulheres contemporâneas**. 2011.

VASCONCELOS, Tânia Mara Pereira. **A perspectiva de gênero redimensionando a disciplina histórica**, [S. l.], p. 1-8, 3 jan. 2005.

XAVIER, Elódia. **Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira**: as marcas da trajetória. Revista Mulheres e Literatura, Rio de Janeiro, ano 4, vol.3, 2018.

ZOLIN, Lúcia Osana. **A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade**. IPOTESI, Juiz de Fora, v. 13, n. 3, p. 105-116, jul./dez. 2019.